

# Apresentação

No âmbito da epistemologia, costuma-se fazer a distinção entre, de um lado, os fenômenos e acontecimentos relacionados à atividade prática e, de outro, o esforço empreendido para sistematizá-los e explicá-los - a teoria. Apesar disso, é evidente a natureza profunda dos vínculos que articulam teoria e prática, pois, para legitimar-se enquanto tal, a teoria deve debruçar-se sobre o fenômeno que pretende sistematizar ; e, inversamente, as práticas e os fenômenos que se tornam objeto de investigação, em virtude de sua incontornável transformação, determinam mudanças na teoria que os examina. Semelhante dinâmica justifica o fato de, na discussão de questões teóricas, se encontrarem refletidos aspectos da atividade prática, o que, à primeira vista, poderia parecer uma contradição.

O presente volume da revista *Gragoatá* tem como objetivo fornecer um quadro tanto quanto possível significativo de algumas das principais questões que, ao longo da última década, têm servido para mobilizar e problematizar conceitos e procedimentos no campo dos estudos literários e lingüísticos. Os ensaios aqui reunidos, a partir desse objetivo, situam-se no âmbito específico de disciplinas como a Análise do discurso, a História da literatura, a Lingüística e a Teoria da literatura e ao mesmo tempo relativizam suas fronteiras, apontando para o necessário e produtivo diálogo que nelas se estabelece com dados e valores de ordem cultural, histórica, filosófica e política.

Assim, no ensaio “Langage, activité, organisateurs de l’activité”, Daniel Faïta discute a necessidade de uma abordagem interdisciplinar da atividade humana do trabalho, que obriga ainda a superar a própria fronteira entre as idéias de conhecimento e de ação. Sua reflexão, nesse sentido, acompanha a Lingüística em uma troca conceitual com a Ergonomia e a Psicologia do Trabalho, entre outras ciências, questionando-se sobre seu alcance e limitações. Também voltada à reflexão sobre o trabalho, agora em seu vínculo com o processo de aquisição de identidade, Marty Laforest, em “Interaction, ratés de l’intercompréhension”, faz uma análise específica de caso, avalia o paradigma interacional nas ciências humanas e propõe a produtividade da análise das falhas comunicativas.

Beth Brait, por sua vez, em “Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise”, vai analisar a contribuição de Mikhail Bakhtin e seu grupo na constituição de uma teoria e um método de compreensão e análise das práticas discursivas como lugar de atuação ao mesmo tempo ética e estética, em

estudos que analisam, por exemplo, os discursos respectivamente político e literário de Marx e Dostoiévski, e problematizam conceitos fundamentais como os de *ciclo* e *autoría*. Seguindo a mesma trilha, Constantin de Chanay, em “*Dialogisme, polyphonie, diaphonie*”, se propõe a aprofundar a diferenciação entre esses conceitos de extração bakhtiniana, de modo a identificar a complexa hierarquia que preside a organização dos discursos em sua relação com os pontos-de-vista enunciativos. Fundando-se numa perspectiva que se pretende polissemiótica e interativa, o ensaio visa assim alcançar uma visão mais completa da problemática da oralidade. Os estudos bakhtinianos retornam em “*Linguagem e subjetividade em Gramsci e Bakhtin*”, onde Vanderlei Zacchi se propõe a relacioná-los à reflexão de Antonio Gramsci, articulando os conceitos de *heteroglossia* e *dialogismo* ao de *hegemonia*, de modo a evidenciar o caráter dinâmico que, em sua constituição discursiva e em sua relação com o poder e a ideologia, ambos os pensadores atribuem à linguagem e à subjetividade.

Passando para o âmbito das relações entre arte e filosofia, Olga Guerizoli-Kempinska, em “‘*Linguagem da pintura*’: que linguagem?”, contrasta as perspectivas estruturalista e wittgensteiniana em relação à linguagem, questionando as possibilidades de sua instrumentalização na reflexão sobre a especificidade da prática pictórica. Nesse sentido, estabelece uma ponte com o ensaio de Raúl Antelo, “*Poesia e imagem*”, que reflete sobre o fim da crença referencial emblematizada pela fotografia, em consequência do qual passa a ser enfatizado o caráter de linguagem das imagens visuais, o que vem ampliar as possibilidades de seu diálogo com a imagem verbal e, mais especificamente, a poética. Joca Wolff, em “*Nova instabilidade e simetria: crítica e autocrítica do neobarroco*”, discorre, em campo fronteiriço, sobre o conceito de *neobarroco*, nas acepções dos poetas-críticos Haroldo de Campos, Severo Sarduy e Arturo Carrera, relacionando-o à alegoria barroca e nele identificando uma forma de resposta às problemáticas relações entre modernidade e pós-modernidade.

A modernidade, suas crises e desdobramentos é também o tema de Ítalo Moriconi, em “*Circuitos contemporâneos do literário*”, onde considera a necessidade de a Teoria da literatura, após vivenciar a crise dos paradigmas modernos e enfrentar a demanda pós-moderna de diversidade e desierarquização, enfrentar uma contemporaneidade de pós-crise, caracterizada pela necessidade de mobilizar categorias positivas que dêem conta da dinâmica complexa da vida cultural. Já Vânia Salles de Viniegra, no ensaio “*La modernidad y un planteamiento escrito del debate posmoderno*”, avalia as dificuldades inerentes à própria definição de modernidade e propõe-se a pensá-la a

*partir da relação entre subjetividade e identidades epocais, como a de feminismo.*

*Essa relação retorna, sob outro ângulo, no ensaio de José Luis Jobim, "Representações da identidade nacional e outras identidades", que analisa os pressupostos subjacentes à definição da própria idéia de identidade, em vários de seus usos, e enfatiza seu caráter coletivizante e dinâmico. Regina Zilberman, em "As lições de Ferdinand Denis", examina os paradigmas constitutivos da História da literatura, inclusive em sua vinculação à idéia moderna de identidade nacional, a partir da análise da obra do historiador francês Ferdinand Denis, contribuindo também desse modo para a tendência contemporânea à problematização do cânone literário. Esse cânone é ao mesmo tempo retomado e mobilizado por Jair Tadeu da Fonseca no ensaio "Alegorias literárias, fantasmagorias da cultura", em que as personagens shakespearianas de Caliban, Prospero e Ariel são avaliadas através da forma como reaparecem com carga alegórica em diferentes momentos da literatura latino-americana, brasileira e africana, contribuindo para fundamentar a reflexão sobre as relações entre literatura e cultura e sobre o caráter relacional e histórico do sentido.*

*Celia Pedrosa e Fernando Afonso de Almeida*